

Maria de Lurdes Correia FERNANDES: *A biblioteca de Jorge Cardoso († 1669), autor do Agiologio Lusitano. Cultura, erudição e sentimento religioso no Portugal Moderno*, (Anexos da Revista da Faculdade de Letras – Série de Línguas e Literaturas, 10) Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2000, 295 pp.

Jerónimo Cardoso publicou em Lisboa em 1652, 1657, 1666 três grandes volumes da obra que intitulou *Agiologio lusitano dos sanctos varoens illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquistas* e na qual pretendia compilar e mesmo reescrever as narrativas da vida de santos, mas também de outros personagens históricos que se tivessem ilustrado em virtude e que, dentro deste critério mais amplo que o habitual em obras do género, tivessem mérito para serem incluídos numa obra de efectiva celebração dos seus actos e méritos. A vasta obra nunca foi terminada. O *Agiologio* está organizado seguindo o calendário, com cada biografado inserido no seu dia próprio, e com cada dia a incluir diversos biografados. Para além da vida propriamente dita, Jerónimo anexou-lhe comentários e é

nesses que é em especial visível a sua erudição, não só compilativa, mas também crítica, pois aí «resumiu, discutiu, corrigiu, ou corroborou as opiniões de outros autores acerca dos múltiplos aspectos sobre que se debruçou» (cf. Introdução, p. 8). O volume I do *Agiológio* abrange os autores de Janeiro e Fevereiro, o vol. II de Março e Abril, o vol. III de Maio e Junho. A morte de Jorge Cardoso (1609-1669), impediu-o de terminar o seu *opus maius*, que teve continuador em António Caetano de Sousa que, quase um século depois, fez publicar, em 1744 e também em Lisboa, o vol. IV, relativo aos meses de Julho e Agosto. No panorama da pesquisa onomástica e hagiográfica esta continua a ser uma obra sem paralelo em Portugal.

Jerónimo dedicou uma parte importante dos últimos anos da sua vida a esta obra imensa, que ainda hoje continua a ter valor documental, para além da sua inegável importância bibliográfica e literária, ou mesmo de fonte para a história das instituições religiosas. De facto para muitos autores, não apenas os menores, não se deve dispensar a sua consulta, porque o autor muitas vezes consultou um apreciável conjunto de textos e testemunhos que são hoje de difícil acesso, ou estão perdidos, ou seriam deveras inesperados, mas que em geral regista cuidadosamente no final de cada “comentário”. A sua vasta erudição e um conhecido apetite bibliográfico levaram-no a consultar um apreciável acervo de livros impressos e manuscritos, recorrendo também a uma vasta rede, como diríamos hoje, de correspondentes que lhe forneceram dados que não deixou de citar, nem de creditar no lugar devido (cfr. p. 9 e n. 7). Impossibilitado de continuar a obra, Cardoso dispunha-se a oferecer as leituras que já tinha reunido e compilado para os 3 volumes que faltava concluir. Mas, esses materiais já nem chegaram ao continuador da obra, que por essa razão e sem apoios também abandonou a sua conclusão, não sem que numa nota prévia ao volume que editou lamentasse tal estado de coisas, pois já só teve acesso a um *Catalogo* das obras mas não aos impressos e manuscritos que nele eram enumerados e seriam de grande utilidade para prosseguir a redacção do *Agiológio* (cfr. pp. 11-13). É um pouco a história e o conteúdo desta biblioteca malbaratada que a Autora tenta reconstituir nesta obra, tendo por base a edição do manuscrito 350 da Biblioteca Nacional de Lisboa (40 ff., do séc. XVIII) que contém a *Bibliotheca Cardosiana*, um rol de 1222 livros e de 89 manuscritos, que defende a Autora, poderá ser a cópia feita a partir do original escrito pela mão do próprio Cardoso. A esse *Catalogo* se refere Caetano de Sousa na nota ao leitor no vol. IV, dizendo que dele mandou fazer uma cópia a partir de um volume que lhe havia disponibilizado o padre Afonso de Deus Guerreiro e que, julga D. Caetano, estava escrito pela mão do próprio Cardoso. Este rol de livros, cuja folha de rosto se encontra reproduzida na p. 29, descreve cada livro em apenas uma linha, mencionando para cada volume um título abreviado, por vezes completado com a menção também abreviada do autor, seguindo-se em colunas perfeitamente alinhadas a indicação da dimensão e o valor. Descrição do primeiro volume: «Historia de Hespanha de Floriao — Fº. 1000» (isto é, in folio, de 1000 réis), e do último: «Carlos Tapia de Religionis Rebus — 4- 100» (in quarto, de 100 réis), e o primeiro

manuscrito : «O conde D. Pedro — PF», e o último: «Tratado da oração de Falconi — C-4º» (ver sucessivamente pp. 31, 229, 229, 244).

A Autora considera que este manuscrito é de facto a cópia do catálogo mandada fazer por Caetano de Sousa, porquanto ele parece feito por alguém que conhece muito bem os livros e o seu conteúdo (p. 13). Contudo, face à sugestão de Caetano de o original ser autógrafa de Cardoso, há aqui um aspecto estranho: porque é que Cardoso mencionaria o preço dos livros que foi adquirindo ao longo de décadas? Aliás, note-se que o preço não é mencionado nos manuscritos. Note-se também que os valores são sempre muito homogêneos e em valores muito redondos, que oscilam entre os 20 e os 6000 réis, havendo apenas 35 que não o têm (cfr. p. 19). Por outro lado, a sequência de livros tem uma certa ordenação, que não existiria se o catálogo fosse sendo feito à medida que os volumes iam sendo comprados, único caso em que talvez se justificasse a indicação do seu custo ou valor. Mas, dada a parcimónia de dados sobre os livros, em contraste com o rigor da indicação do preço, não poderá isso indicar que esta *Bibliotheca cardosina* é de facto um rol de bens destinado a avaliar o legado de Cardoso, para partilha ou para venda? E esta é de facto a hipótese da Autora quando encara com reservas a indicação dos preços (p. 19). Se se trata de um rol para partilhas, não foi certamente realizado por Cardoso, que, como vimos, queria oferecer os livros a quem continuasse o *Agiologio*. Note-se que o manuscrito tem por subtítulo «Catálogo dos livros impressos e manuscritos, que *possuía* o auctor do ...» (cit. na p. 13, itálico meu) e que no f. 36r, onde começa a lista dos manuscritos, se lê: «Livros Manuscritos que *tinha* Jorge Cardozo» (p. 229, itálico meu). Ficaria também mais fácil explicar a relativa ordenação temática dos livros, que seria a da sequência com que o amanuense encontrou os livros nas próprias estantes. Em conclusão, se se trata de um rol de bens, como tudo indica, este registo que fez perdurar a memória dos livros foi também o primeiro passo para o desaparecimento e desagregação da biblioteca, que algumas décadas depois da morte do seu laborioso agregador já não era possível consultar.

Esta obra de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para além da Introdução (pp. 7-22), que é de facto um estudo sobre a relação entre o *Agiologio* e a biblioteca de trabalho do seu autor, constituída em grande parte por bibliografia ibérica e latina, inclui também a referida edição do manuscrito (pp. 31-244), precedida da bibliografia de repertórios utilizados (pp. 25-28), e ainda com um notável conjunto de índices, nas pp. 245-295: autores de obras, títulos (por palavras chave), matérias (por áreas temáticas), locais de impressão (por países e aí por locais).

A edição do manuscrito aqui proposta é um modelar trabalho de investigação bibliográfica que permite reconstituir com grande exactidão a biblioteca de Cardoso. É sobretudo um prodígio de paciência e rigor que com tão escassas informações tenha sido possível à Autora identificar a quase totalidade das obras mencionadas. O manuscrito é

editado linha a linha, ou seja obra a obra, cada uma precedida por um número de ordem, citando depois a descrição do título/tema/autor e no lado esquerdo da linha, o formato e valor pecuniário. Segue-se então um comentário, entre parêntesis rectos em que a autora fornece a descrição bibliográfica segundo critérios actuais da obra em causa, ou das diferentes possibilidades quanto exista mais do que uma. São escassos os casos sem identificação, ou por serem excessivamente généricos, como é o caso das bíblias, ou por serem equívocos. A identificação em alguns casos poderá ter sido facilitada pelo cruzamento com as citações, por vezes mais completas que se encontram no próprio *Agiologio*. O facto de a autora mencionar nos seus comentários se e onde é que a obra é citada *Agiologio*, torna também esta edição um excelente auxiliar bibliográfico para a verificação das fontes desta obra. Tarefa que muitas vezes é indispensável, dada a necessidade de confirmar certas informações que, por uma questão de rigor, hoje não podem ser acolhidas sem a devida confirmação e crítica de fontes. Essa menção às páginas do *Agiologio* é ainda mais importante no que se refere aos manuscritos, em boa parte dos contemporâneos correspondentes do próprio Cardoso, pois a identificação destes manuscritos é quase impossível por outra via.

Merece atenção o próprio acervo bibliográfico de que Cardoso dispunha para escrever a história de autores medievais. Para além de alguns raros autores antigos, trata-se em grande parte de fontes em segunda mão, obras do tempo da imprensa, escritas já muitas delas sobre relatos de relatos, crónicas ou compilações. Elemento que confirma mais uma vez a necessidade de submeter a prévia apreciação crítica as referências factuais que Cardoso faça sobre santos, autores ou personagens medievais.

A paixão bibliográfica e hagiográfica de Jerónimo Cardoso, a sua devoção aos livros de história eclesiástica, da santidade e das ordens religiosas, foi bem servida pela erudição, minúcia historiográfica e rigor bibliográfico de Maria de Lurdes Correia Fernandes que oferece aqui um importantíssimo e documentado contributo para o conhecimento da cultura escrita em Portugal no século XVII e de quanto por então dispunha um autor culto para conhecer a Idade Média que, diga-se, também colheu as suas informações em cartórios e documentos avulsos.

J.F. MEIRINHOS

\* \* \*